***Cibersexo*: do piropo ao texto *hot***

**Sexualidade virtual: a nova pornografia?**

Integrantes do Cartel: Ana Viganó, Clara Maria Holgúin e Julia Benavides

Relatora: Ma. Victoria Clavijo

**Introdução**

Existem tantas modalidades do chamado “sexo virtual”, ou “cibersexo”, quantos distintos e variados modos ou caminhos de obtenção de gozo. Isto não é uma casualidade, mas implica uma relação de causalidade: é por que na sexualidade a naturalidade e a fixidez do objeto se perderam que a multiplicidade de formas de acesso à própria experiência prolifera, intensificando dito efeito pela promoção do objeto *mais-de-gozar* na vitrine do armazém globalizado da web. A reprodução deixa de ser uma finalidade da sexualidade para ser, ela própria, um fim em si mesma, seguindo os caminhos próprios da pulsão definida por Freud como parcial, acéfala, perversa-polimorfa; caminhos que desenham trajetos recortados do corpo, metas de satisfação sutis a-sexuadas que não necessariamente confluem no fálico ou genital. Os semblantes que emolduravam a sexualidade dentro de ideais culturais como a família, a reprodução ou o encontro dos corpos, caíram e, por isto, revelam seu traço mais perverso. Traço perverso da neurose que Freud definiu como o “negativo da perversão”, no sentido de que as fantasias sexuais têm um *status* de existência no neurótico como bússola para o encontro erótico, como o pequeno traço do parceiro que é Diana como alvo para a flecha de Eros. Na era da internet e das telas, a metáfora fotográfica freudiana do negativo e positivo, que relaciona e diferencia a neurose e a perversão, não serve mais na medida em que a digitalização das imagens também afeta a distancia entre um e outro, diminuindo o espaço entre a fantasia e o ato.

Como diz J.-A. Miller[[1]](#footnote-1), se alguma coisa se lê na proliferação da pornografia no mundo é isso: que a relação sexual não existe. Apesar desta constatação da psicanálise, os sujeitos por sua parte, na época atual, encontram modos de fazê-la existir. Pensamos no *cibersexo* como uma tentativa de relacionamento com um semelhante (a’), o outro da tela, diferentemente da pornografia, onde a relação com o gozo é mediada pela cena fabricada de antemão para o consumo fantasmático, deixando aquele que olha em silêncio com seu gozo. O *ciberchat* exige um *blábláblá*, um gancho para que a imagem tenha um enquadre de palavra. Por outro lado, qualquer consideração do tipo biológica (ferormônios, hormônios) que explique a atração sexual perde sua validade com a promoção atual do *cibersexo* e seu êxito entre os mais jovens.

Por outro lado, não é a sociedade que esclareceria algo da sexualidade na contemporaneidade, mas, ao contrário, “a sexualidade destes últimos anos esclarece a sexualidade contemporânea”[[2]](#footnote-2). O fato de que seja cada vez mais frequente seu uso por parte dos jovens do *cibersexo* através do *whatsapp*, permite ler algo da sexualidade da época. O fato de que se inicie a vida sexual com o *cibersexo* tem que efeitos sobre a sexualidade em geral? Como é vivida a sexualidade hoje entre os jovens? Pode-se, desde a psicanálise, continuar sustentando o invariável da estrutura e generalizar seus achados nos tempos que correm? O uso do *cibersexo* introduz algo novo na sexualidade e na relação com o parceiro, ou é apenas mais um modo de confrontar a disjunção entre o sexo e o amor?

Se a psicanálise veio à luz no século XIX, foi graças a uma ruptura. Ruptura da qual Freud se encarregou para falar da sexualidade presente nos sonhos, nas fantasias de homens e mulheres, mas, sobretudo – e o que representa uma ruptura maior –, para assinalar a presença da sexualidade nas crianças. A psicanálise levanta o véu que cobria a sexualidade e, no século XXI, esta não apenas fica exposta por essa mudança, como também há uma espécie de transposição, de intrusão do sexo através das telas que exibem o coito por toda parte, pois apesar de que uma versão desta presença crescente já existisse na TV, no cinema e na publicidade, o que assistimos na atualidade é a ubiquidade do sexo na tela conectada à internet, especialmente a do Smartphone.

**O imaginário: obstáculo ou forçamento**

O percurso que se fazia para ver um filme pornô, alguns anos atrás, era um caminho que exigia uma busca mais ou menos secreta, privada, e que era possibilitada por um espaço de solidão e intimidade procurada ativamente. Hoje em dia, “não só temos passado da interdição à permissão, mas, também, à incitação, à intrusão, à provocação, ao forçamento”[[3]](#footnote-3). As novas tecnologias de comunicação permitem não apenas o acesso à pornografia e outras versões do sexo emrede, como também, que as imagens de conteúdo sexual explícito ou insinuado sejam disparadas pelo sistema sem que alguém as busque diretamente através do navegador. As mensagens emergentes, as janelas que se abrem sozinhas, são a dor de cabeça dos internautas, às quais se responde com diversas invenções *antispam*, *plugin*, antivírus, proteções, defesas do sistema, etc.

Desde a psicanálise, Freud mesmo edificou a teoria da neurose como uma defesa contra a sexualidade que sujeito mesmo não estava disposto em assumir como própria, mas apenas como alheia e estranha. O Complexo de Édipo tinha como função estabelecer os diques da pulsão; a barreira do incesto, manter à distancia o objeto sexual proibido; as neuroses, a proteção frente ao inconciliável do sexo para o Eu. A barreira do Nome-do-Pai tornou-se porosa e isto pode explicar parte do tsunami pornográfico, mas o que não se deixa explicar totalmente pela pluralização dos Nomes-do-Pai na era atual é o forçamento imaginário do sexo como uma “obscura vontade”[[4]](#footnote-4), como, por exemplo, a que se evidencia no filme *Nynphomaniac* de Lars von Triers que, no interesse de alcançar a “máxima plausibilidade da cópula usam atores pornôs para montar a imagem, da cintura para baixo, com o tronco de atores famosos”[[5]](#footnote-5). Na recente mostra de cinema no festival de Cannes, o diretor Gaspar Noé apresentou o primeiro filme pornô *Love*, com ejaculação em 3D e imagens inéditas gravadas no interior da vagina durante o orgasmo. O 3D transgride a bidimensionalidade da tela para rompê-la e alcançar o espectador em sua própria cara. Neste exemplo, o estatuto da imagem como obstáculo em relação ao Outro e, portanto, a uma forma de vínculo com o semelhante, fica muito distante. Aqui a substância – jamais tão bem dita – ultrapassa a barreira, o parêntese, e emerge aquilo que a imagem já não possibilita em termos de unidade, mas de resto. O dispositivo do filme atravessa a barreira especular, rompe-a deixando emergir o avesso da imagem corporal, na reversibilidade imaginária onde se alcança o aspecto do corpo fragmentado que rompe com qualquer possibilidade de identificação.

**O sexo em seu bolso**

A caracterização do sexo virtual requer diferenciá-lo da pornografia – duas maneiras de apresentação do sexo na rede, cada uma com suas particularidades. A etimologia da palavra *pornografia* se refere a um cultismo criado no século XIX tomado das palavras gregas *porne*, que significa prostituta, e *grahía*, que significa escrever. Em 1800, referia-se aos livros que tinham um alto conteúdo sexual. A palavra *porne* é o feminino de *pornes*, que significa rufião, que por sua vez provém de *pernemi*, que significa vender. A pornografia está intimamente vinculada com o mercado, as utilidades econômicas neste campo são altíssimas e a oferta cresce a cada dia com novos serviços a contratar. Algo novo? As antigas estrelas pornô encontram novas acomodações de trabalho gravando programas sexuais vendidos *online*; jovens universitárias têm seu próprio negócio em seu quarto, em seu domicílio familiar, fazendo-o com sua câmara caseira. É o caso de Ceara Lynch que administra um negócio desde os 17 anos, e que agora tem 20. A pornografia se tornou interativa graças à internet e os jogos de realidade virtual já se aplicam ao sexo.

Por um lado, “[...] o pornô é uma fantasia filmada com a variedade apropriada para satisfazer os apetites perversos em sua diversidade”[[6]](#footnote-6). É a “profusão imaginária de corpos entregues para se dar e se agarrar”. O *cibersexo*, ao contrario, pratica-se em tempo real, não é filmado previamente, e privilegia o texto escrito e as “selfies” para incitar a masturbação. O sexo débil, em relação ao pornô, é o masculino, cede com mais facilidade[[7]](#footnote-7). No *cibersexo*, ocorre algo novo: os *chats* sexuais são usados cada vez mais por mulheres. É através dessa pequena tela, aventuramo-nos a dizer que é o lugar privilegiado, ao alcance, em qualquer momento ou lugar, onde a pratica ao chamado “*cibersexo*” estende-se de maneira inédita na época. Já o havia previsto Steve Jobs em sua apresentação do Iphone em 2007: “Tua vida em teu bolso”. Se o *gadget*, em si mesmo, resultou ser de um valor extremo na sociedade atual, redobra seu efeito aditivo quando, além de ser um fim em si mesmo, é ferramenta para a obtenção de um gozo sexual masturbatório ou fantasmático. O valor fálico do objeto Iphone reenvia novamente à Coisa: “estes objetos da indústria se encontram na metade do caminho entre o Outro e o ente e lhe conferem um ser ao sujeito, tamponando sua falta constitutiva [...]. Estes American Idols têm sido muito bem nomeados: Ideal do Eu [i(a)] põe como lema o gozo do Um, autístico, a serviço de nossa dependência com esses objetos *mais-de-gozar*”[[8]](#footnote-8). Mas levantamos também a pergunta para discussão: não se trataria, melhor dizendo, de como esses Idols se transformam em Eu Ideal? I...phone é o eu com o objeto a que fica reduzido esse Idols?

**Do piropo ao texto *hot***

 A profunda relação entre o dizer e o fazer, a função da linguagem e a relação entre os sexos, é o que permite entender o “piropo”[[9]](#footnote-9): “qual pode ser o gozo que um homem – pois é sempre um homem, neste caso, o locutor – encontra em se dirigir a uma mulher desconhecida, destinar-lhe uma mensagem, e até mesmo um poeminha em honra a seus encantos? [...] o *piropeador* não aspira a permanecer com essa mulher e, se aí existe uma mensagem erótica, uma conotação erótica, existe ao mesmo tempo, singularmente, um desinteresse profundo [...]”[[10]](#footnote-10).

 O piropo supõe uma infração aos códigos de decência e é necessário também que o outro, a quem se dirige, queira sorrir. A mulher aqui encarna o grande Outro que sanciona o piropo ou a ofensa.

 Ao contrario, no bate-papo sexual, apesar de passar pelo significante, é preciso convencer e fazer-se desejar; há um interesse direto quanto ao gozo. Apontar de maneira direta, com as palavras escritas ou pronunciadas na cena erótica, trocar de gênero, ou de identidade, pode ser uma opção[[11]](#footnote-11). O tempo de resposta é uma variável a ser manipulada e toma o lugar do acaso do encontro que pode, eventualmente, chegar a produzir angústia. O *Che Vuoi?* toma a forma de “não responde!”. O êxito do “match” corresponde ao envio das primeiras *selfies* que recortam o campo visual focalizando um pedaço de corpo, um decote, uma calcinha, um traseiro. O objeto fetiche como pedaço de corpo fotografado que faz deter o olhar antes do encontro com a castração, se faz patente e domina a cena, pois sua função é captar o gozo do parceiro do outro lado da tela. Sem assimilar o *cibersexo* à perversão como estrutura, entretanto, elementos da perversão no *cibersexo* podem ser localizados no ponto em que o olhar goza sob a condição de não ver... a castração. As pessoas assíduas a esta prática relatam a comodidade na gestão de um laço leve que dispensa a formalidade do rodeio necessário da subjetividade. Sem chegar a operar a inversão fantasmática para fazer-se instrumento de gozo do Outro, a *selfie* recortada de uma superfície do corpo tem a função de fazer gozar o outro, fazer gozar com o filtro fantasmático, assemelhar-se ao objeto recortado e oferecê-lo ao olhar, que toma a forma da caixa do *Messenger.* Lacan, no Seminário da Identificação, assinala que a perversão está no nível do gozo e a parte do corpo para obtê-lo é secundária; a genitalidade do coito tampouco deve excluir o traço perverso *per se.* Ali diz que “A única maneira de aproximar a perversão é tentar defini-la aí onde está, ou seja, no nível de um comportamento relacional.”[[12]](#footnote-12)

 No Curso *A fuga do sen*tido[[13]](#footnote-13), Miller comenta o filme *Denise ao telefone*[[14]](#footnote-14), no qual as personagens não saem para a rua durante todo o tempo de duração do filme, pois estão falando por telefone. Com quem se relacionam estas personagens? – pergunta Miller, e responde: com uma voz. Seguindo esta ideia, com o que se relaciona aquele que elege o modo de conexão com o outro no sexo no *cibersexo*? Com uma imagem que vela a castração.

 Tradução: Graciela Bessa

 Revisão: Maria Josefina Fuentes

1. MILLER, J-A. “O inconsciente e o corpo falante” (2014). Conferência pronunciada no fechamento do IX Congresso da AMP. In: www.wapol.org. [↑](#footnote-ref-1)
2. COTTET, Serge. “El sexo débil de los adolescentes: sexo-máquina y mitologia del corazón”. In: www.nel-mexico.org. [↑](#footnote-ref-2)
3. MILLER, J.-A. “O inconsciente e o corpo falante”, op. cit. [↑](#footnote-ref-3)
4. INDART, Juan Carlos. “Notas sobre la pornografia hoy em día”. In: *Lacaniana*. Ano XI, Número 17, 2014, EOL. [↑](#footnote-ref-4)
5. Ibid, p. 148. [↑](#footnote-ref-5)
6. MILLER, J.-A. “O inconsciente e o corpo falante”, op. cit. [↑](#footnote-ref-6)
7. Ibid, p. 6. [↑](#footnote-ref-7)
8. PFAUWADEL, A. (2014) “Iphone & iPad”. In: *Un real para el siglo XXI*. Buenos Aires: Grama Editores. [↑](#footnote-ref-8)
9. MILLER, J.-A. “O piropo: psicanálise e linguagem”. In *Percurso de Lacan: uma introdução.* Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 27. [↑](#footnote-ref-9)
10. Ibid, p. 126 [↑](#footnote-ref-10)
11. TURKLE, Sherry. “La vida en la pantalla”. [↑](#footnote-ref-11)
12. LACAN, J., “La identificación”. Seminário inédito. [↑](#footnote-ref-12)
13. MILLER, J.-A., *La fuga del sentido*. Buenos Aires: Paidós, 2012. [↑](#footnote-ref-13)
14. Denisse calls up. Film (1995) Hal Salwen. [↑](#footnote-ref-14)